

ARMINDO QUILLICI NETO
MARIA ISABEL SILVA DE MORAIS
(ORGANIZADORES)

PAPYRUS

ESCRITOS ACADÊMICOS SOBRE
EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO

VOLUME II


EDITORA
SCHREIBEN
2024

© Dos Organizadores - 2024
Editoração e capa: Schreiben
Imagem da capa: Brother Stocks - Freepik.com
Revisão: os autores
Livro publicado em: 30/07/2024
Termo de publicação: TP0512024

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Cleber Duarte Coelho (UFSC)
Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)
Dr. Fábio Antônio Gabriel (SEED/PR)
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
Dr. José Raimundo Rodrigues (UFES)
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)
Dra. Marciane Kessler (URI)
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiben@gmail.com
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q6p Quillici Neto, Armindo
Papyrus : escritos acadêmicos sobre epistemologia da educação - V.II / Organizadores : Armindo Quillici Neto, Maria Isabel Silva de Moraes. --Itapiranga : Schreiben, 2024.
225 p. ; il. ; E.book.
Bibliografia e índice remissivo.
E-book no formato PDF.

EISBN: 978-65-5440-292-7
DOI: 10.29327/5414716

1. Educação e Pesquisa. 2. Educação - Epistemologia. 3. Professores - Formação.
I. Título. II Quillici Neto, Armindo. III. Moraes, Maria Isabel Silva de.

CDD 370.71

Bibliotecária responsável Juliane Steffen CRB14/1736

MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Camila Alves Macedo¹

Antonio Edicarlos Mota Teixeira²

Andréa Maturano Longarezi³

Jordana Cassimira de Freitas Santos⁴

1. Introdução

Para analisar um autor, é imprescindível considerar seu contexto histórico e as influências intelectuais com as quais se constitui. Lev Semionovitch Vigotski, precursor da Teoria Histórico-Cultural, viveu de 1896 a 1934, no contexto das revoluções russas e do socialismo soviético. Á época analisou a crise da psicologia e colaborou para a revolução do pensamento psicológico ao interpretar a consciência como uma forma especial de organização do comportamento do homem, produzida histórico e socialmente. Assim, produz o que designou como uma Psicologia Geral.

L. S. Vigotski, foi o primeiro trazer para a psicologia o método materialista histórico-dialético, um marco histórico na ciência, de suma importância para o desenvolvimento da psicologia geral, que nasce no contexto soviético. Isso faz coloca a psicologia da época em uma relação fulcral com a filosofia marxista, especialmente, no que tange o método produzido neste contexto.

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação na Universidade Federal de Uberlândia. Professora na rede municipal de Uberlândia - Email: camilaalvesmacedo1998@gmail.com

2 Mestrando no Programa de Pós-Graduação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista CAPES. E-mail: aemteixeira@gmail.com

3 Pós-doutora em educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Docente da Faculdade de Educação (FACED/UFU) e do Programa de Pós-Graduação (PPGED/UFU). E-mail: andrealongarezi@gmail.com.

4 Mestranda no Programa de Pós-Graduação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora na rede municipal de Uberlândia. E-mail: jordanacfs.ufu@gmail.com

“[...] As pessoas não precisam ser marxistas para ler Vigotski, mas é muito pouco provável que se possa entender Vigotski sem um mínimo de conhecimento da filosofia de Marx, de seu método, de sua concepção do homem como um ser histórico.” (DUARTE, 1996, p. 22).

A psicologia histórico-cultural que emerge sob a base da psicologia pedagógica, fundada na relação de interdependência entre educação-aprendizagem-desenvolvimento defendida desde K. D. Ushinski (1823-1871), K. N. Kornilov (1879-1957) e P. P. Blonsky (1884-1941), se consolida sob uma nova perspectiva a partir do materialismo histórico-dialético.

De tal modo, para o estudo dessa perspectiva psicológica prescinde a compreensão do método que a constitui: o Materialismo Histórico-Dialético. Em tal sentido, o presente capítulo tratará inicialmente dos aspectos mais gerais do método, seguido das principais teses que constituem a Teoria Histórico-Cultural e culmina na análise conjunta desses dois pensamentos.

2. O Materialismo Histórico-Dialético

O Materialismo Histórico-Dialético surgiu como crítica à filosofia alemã, ao socialismo utópico francês e à economia política liberal. Assim, inaugura a interpretação da história humana com base nas relações de produção, ou seja, compreende o homem a partir do que ele produz. Esse pensamento filosófico não se restringe à filosofia, mas abrange, sobretudo, os campos da história, da ciência política e da economia.

Nasce a partir da crítica ao método dialético de Hegel (idealista) e ao materialismo vulgar de Feuerbach (mecanicista) para constituir-se materialista histórico-dialético. Este método caracteriza-se pelo movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens e, nesse sentido, irá tomar como critério de verdade sua prática social. Porém, Marx o fará sob as bases da dialética, entendida como a superação de uma determinada contradição, em que cada etapa nega e supera a anterior em um processo contínuo. Assim, há uma tese (um determinado estado de coisas) que se contrapõe a uma antítese (negação do estágio inicial), cujo resultado é a síntese (que carrega elementos das duas instâncias anteriores, e que se transmuta em uma nova tese dando continuidade ao processo).

Dessa forma, a história é uma sucessão de momentos opostos, em uma contínua marcha da razão e o sujeito histórico é abstrato, é o “sujeito em si”. Porém, Marx compreendeu que esse modelo de análise da realidade não era capaz de explicar as instâncias concretas da vida social, pois estava apenas no domínio das ideias, e não na realidade terrena. A sociedade está estruturada a partir das relações econômicas correspondentes a cada período histórico, dialeticamente. Por isso, traz para o princípio da dialética a materialidade dos fenômenos.

A historicidade compõe esse processo por entender que as formas de produção econômica são fatores preponderantes no processo de desenvolvimento histórico e social; claro que associado às esferas culturais (como religião, moral, direito, Estado, ciência, arte e filosofia), porém, entendidas como suas derivações, representam uma espécie de superestrutura (sobre a infraestrutura econômica). O motor da história seria, portanto, a luta de classes, ou seja, a história se move pelo antagonismo entre as classes sociais que caracterizam cada período histórico.

Essa nova concepção muda a compreensão vigente de homem. Engels (1979) ressalta, no funeral de Marx, que:

“Tal como Darwin descobriu a lei da evolução da natureza orgânica, assim Marx descobriu a lei da evolução histórica humana: o simples fato, até então camuflado por uma excrescência da ideologia, de que a humanidade tem antes de mais nada de comer, beber, abrigar-se, vestir-se, antes de poder dedicar-se à política, ciência, arte, religião, etc.; que, por conseguinte, a produção dos meios materiais imediatos de subsistência e, conseqüentemente, o grau de desenvolvimento econômico alcançado por uma dada época, forma a fundação sobre a qual as instituições estatais, as concepções legais, a arte, e mesmo as ideias sobre religião foram desdobradas, e à luz das quais elas tem, por isso, de ser explicadas, em vez do contrário, como tinha sido até então o caso”. (ENGELS, F., 1979, p. 220)

Nessa perspectiva, o homem torna-se histórico através da sua atividade. Isso ocorre como resultado da relação dialética entre a natureza e o meio social e cultural no qual se está inserido. Ele possui o estado filogenético, por ser biológico, mas também se desenvolve ontologicamente, graças à consciência que possui. Além disso, é socio genético, porque o ser humano se humaniza dentro do contexto social, no coletivo. O homem ao realizar as atividades escreve a história e transforma a natureza, cria cultura. Para Marx (2008), a atividade do homem, o seu trabalho é o que o afasta da animalidade e dialeticamente o torna humano.

“Na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência”. (MARX, 2008, p. 47).

Dessa maneira, ao transformar a natureza, o homem transforma-se a si mesmo. Por isso, a produção humana carrega a história humana, cada época tem frutos do trabalho e da atividade humana.

No materialismo histórico-dialético o ser humano, com seu alto grau de racionalidade e objetividade, diferente dos outros animais, domina a natureza,

realiza o trabalho e constitui seu caráter material e histórico, dentro de uma lógica dialética. Primeiro, domina a natureza, como explica Engels (1991):

“Resumindo: o animal apenas utiliza a Natureza, nela produzindo modificações somente por sua presença; o homem a submete, pondo-a a serviço de seus fins determinados, imprimindo-lhe as modificações que julga necessárias, isto é, domina a Natureza. E essa é a diferença essencial e decisiva entre o homem e os demais animais; e, por outro lado, é o trabalho que determina essa diferença”. (ENGELS, F., 1991, p. 223).

Após essa primeira compreensão de dominação da natureza, faz necessário a explicação do segundo ponto: o trabalho. Este é atividade mediadora central no processo de humanização. Segundo Marx (1968):

“O trabalho é, em primeiro lugar, um processo de que participam igualmente o homem e a natureza, e no qual o homem espontaneamente inicia, regula e controla as relações materiais de suas próprias forças, pondo em movimento braços e pernas, as forças naturais de seu corpo, a fim de apropriar-se das produções da natureza de forma ajustada a suas próprias necessidades. Pois, atuando assim sobre o mundo exterior e modificando-o, ao mesmo tempo ele modifica sua própria natureza. Ele desenvolve seus poderes inativos e compele-os a agir em obediência a sua própria autoridade. Não estamos lidando agora com aquelas formas primitivas de trabalho que nos recordam apenas o mero animal. [...] Pressupomos o trabalho em uma forma que o caracteriza como exclusivamente humano”. (MARX, 1968, p. 202).

Assim, em terceiro lugar, o homem trabalha, desenvolve a consciência humana e constitui seu caráter material e histórico. A consciência se constitui no processo de transformação da natureza, pelo homem, mediada pelos instrumentos e ferramentas disponíveis e pela ação objetiva e concreta que se dá no trabalho. Ele é material, pois é a partir das condições materiais de existência que os homens se organizam, criam leis e costumes, estabelecendo relações em torno da noção de trabalho. Além disso, é histórico, pois quando o homem modifica a matéria, também constrói um outro pensamento e pode formar sua realidade.

Por fim, esse movimento é dialético, afinal, a dialética é o processo de conhecimento sobre a realidade que permite reconhecer o movimento e as contradições nas relações entre os homens e em suas formas de organização.

Não obstante, para compreender a Teoria Histórico-Cultural, é importante conhecer os fundamentos do método que a orienta. A psicologia soviética vigotskiana e seus contemporâneos entendem o homem e sua consciência a partir dessa perspectiva epistemológica.

2.1 A Teoria Histórico-Cultural

Lev Semionovitch Vigotski pode ser considerado precursor da Teoria Histórico-Cultural, no contexto de revolução russa e socialismo soviético, busca no Materialismo Histórico-Dialético as bases para a construção de Psicologia Geral, com foco para a constituição de um novo humano, entendido histórico e culturalmente. Investiga a origem e o curso do desenvolvimento, do comportamento e da consciência e busca a compreensão dos fenômenos psicológicos enquanto mediações entre a história social e a vida concreta dos indivíduos.

Baseado nessa concepção, o ser humano não é só estrutura biológica, pois o seu processo de humanização é resultado da relação histórico-cultural, tendo a atividade como mediação principal para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores.

As funções psíquicas superiores são funções mentais que dão forma ao comportamento consciente do homem, por exemplo: ação voluntária, percepção, memória, pensamento, linguagem, capacidade de planejar, estabelecer relações, elaboração conceitual, representação simbólica das ações propositadas, raciocínio dedutivo, pensamento abstrato, entre outros.

Essas atividades são consideradas “superiores”, pois dizem respeito à capacidade humana de pensar e operar com objetos ausentes, imaginar momentos vividos ou não, estabelecer relações entre fatos e eventos, planejar ações futuras, entre outras. Para o autor, elas aparecem primeiro na forma primária para, posteriormente, aparecerem em formas superiores. Diferente das funções psíquicas elementares, de origem biológica, presentes no ser humano e nos animais

Prevalencia, antes do autor, uma concepção de que as funções psíquicas superiores eram determinadas apenas pelo biológico, ou seja, desconsideravam o meio social e a cultura. A partir das contribuições de L.S. Vigotski, houve a compreensão de que as funções psicológicas elementares (comuns aos animais e aos humanos), eram de origem biológica, mas as superiores (especificamente vinculada aos humanos) originam-se e se desenvolvem na cultura. Isso ocorre porque o homem não nasce pronto e também não é mero resultado das interferências do meio. Como visto anteriormente no Materialismo Histórico-Dialético, ele se humaniza através das relações sociais que estabelece com seus semelhantes dentro de um contexto sociocultural.

A relação do ser humano com seu entorno é mediada com os instrumentos de trabalho e com os signos, sendo a linguagem o principal sistema simbólico. Esses signos (objeto, forma, fenômeno, gesto, figura ou som), desempenham funções de mediação. Segundo Oliveira (1993) mediação é:

[...]o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento (OLIVEIRA, 1993, p. 26)

Por exemplo, enquanto a memória natural é decorrente das impressões provenientes de experiências reais, a memória mediada por signos amplia as dimensões biológicas, proporcionando uma mudança na estrutura psicológica.

Assim, a Teoria Histórico-Cultural ressignifica o papel da cultura, das interações sociais e das mediações semióticas, ao compreender que os humanos se constituem em determinadas condições sociais necessárias para sua humanização e para a constituição de suas funções psicológicas superiores.

O processo de desenvolvimento humano é tratado em sua relação com a educação e a aprendizagem. Diferentemente do que predominava na psicologia do final do século XIX e início do século XX, L. S. Vigotski defende e comprova experimentalmente que a aprendizagem pode estar à frente do desenvolvimento, impulsionando-o. Porém, o faz sob demonstrando que isso se dá dentro do que ele vai denominar de zona de desenvolvimento possível. Para o autor, existem dois níveis e uma zona de desenvolvimento: nível de desenvolvimento real, nível de desenvolvimento possível e zona de desenvolvimento possível. Ele conceitualiza:

Essa discrepância entre a idade mental real ou nível de desenvolvimento atual, que é definida com o auxílio dos problemas resolvidos com autonomia, e o nível que ela atinge ao resolver problemas sem autonomia, em colaboração com outra pessoa, determina a zona de desenvolvimento imediato [possível] da criança (VIGOTSKI, 2001, p. 327, acréscimo nosso).

Essa abordagem inaugurada por L. S. Vigotski, absolutamente revolucionária para a psicologia pedagógica, rompe com a concepção tradicional no âmbito da educação de que a educação escolar deve se direcionar exclusivamente pelo nível de desenvolvimento da criança. A partir desse referencial defende-se que a educação precisa atuar no intervalo que existe entre o nível real e o nível possível do desenvolvimento da criança. Isso só é possível com a colaboração do outro mais experiente que, atuando na zona de desenvolvimento possível, pode ajudar a criança a solucionar o que ela ainda não consegue resolver sozinha. Agindo em colaboração, dentro da zona de possibilidade, é que o processo educativo pode impulsionar o desenvolvimento.

Ao considerar, portanto, as funções psíquicas superiores e a zona de desenvolvimento possível, compreende-se um novo papel para a escola. Será nesse espaço de educação que o aluno, mediado pelo campo de significação e com a colaboração do outro mais experiente, poderá desenvolver seu aparato psicológico, novas funções psíquicas superiores.

Não obstante, é preciso apontar que a Teoria Histórico-Cultural teve seu início a partir desse importante e revolucionário trabalho realizado por L. S. Vigotski. No entanto, foi estruturada com a participação de vários psicólogos de diferentes grupos de pesquisadores que compartilhavam das hipóteses iniciadas pelos estudos de L. S. Vigotski, entre os quais se incluem Sergey Leonidovich Rubinstein (1899-1960), Bluma Vulfovna Zeigarnik (1900-1988), Piotr Iakovlevich Galperin (1902-1988), Piotr Ivanovich Zinchenko (1903-1969), Daniil Borisovich Elkonin (1904-1984), Alexander Vladimirovich Zaporozhets (1905-1981), Nataliia Grigorievna Morozova (1906-1989), Lia Solomonovna Slavina (1906-1986), Lidia Ilinichna Bozhovich (1908-1981), Rosa Evgenevna Levina (1909-1989), Boris Fedorovich Lomov (1927-1989) e Vasili Vasílievich Davidov (1930-1998).

O trabalho realizado por essa grande escola histórico-cultural resulta na elaboração de várias teorias: 1) da atividade, 2) da personalidade, 3) da subjetividade, 4) da 3ª geração da teoria da atividade, 5) a psicologia macro-cultural, 6) a radical-local teaching and learning, 7) a abordagem clínica da atividade, entre outras. (LONGAREZI, 2023).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lev Semionovitch Vigotski elaborou categorias e princípios para desenvolver uma teoria psicológica que abarcasse o psiquismo humano, fundamentando-se no materialismo histórico-dialético elaborado por Karl Marx. Assim, a consciência e o comportamento, objetos da investigação psicológica realizada à época, passam a serem considerados a partir de um enfoque histórico, materialista e dialético; tratados enquanto totalidade. Compreende-se, a partir de então, que a experiência social e cultural contribui para a formação do psiquismo humano.

Esse aporte foi de suma importância, visto que, até o momento a psicologia era fundamentada por uma dialética mecanicista, no empirismo e no idealismo, a qual via o indivíduo de forma fragmentada, e não como um todo, como unidade dialética, capaz de considerar a essência do ser humano.

O método histórico-dialético é abrangente, totalizante e analisa o processo dos fatos, não somente seu resultado final, orientando um tipo de pesquisa eminentemente qualitativa. Por sua vez, o trabalho investigativo realizado por L. S. Vigotski leva à compreensão da própria origem do problema de constituição e desenvolvimento humano.

O método de pesquisa materialista histórico-dialético significou uma verdadeira revolução nos princípios metodológicos que buscavam compreender o psiquismo humano ou as funções psíquicas superiores pela ótica histórico-cultural.

Em linhas gerais, é possível afirmar que a teoria histórico-cultural foi construída com base nas concepções de homem e de consciência do materialismo,

além de considerar a análise do todo, ao orientar-se sob as bases de uma pesquisa qualitativa e dialética. Ainda que de forma introdutória, procurou-se delinear alguns dos pontos de convergência entre o materialismo histórico-dialético e a teoria histórico-cultural, com foco para as contribuições do primeiro para o segundo, ficando em aberto o necessário aprofundamento de ambos aportes epistemológicos e teóricos.

Referências

- DUARTE, N. **A escola de Vigotski e a Educação Escolar**: algumas hipóteses para uma leitura pedagógica da psicologia histórico-cultural. *Psicologia USP*, 7(1/2), 17-50, 1996.
- ENGELS, F., O funeral de Karl Marx. In: FROMM, E. **Conceito Marxista do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, Brasil, 1979.
- ENGELS, F., **A Dialética da Natureza**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, Brasil, 1991.
- LONGAREZI, A. M. Teorias, conteúdos e métodos de aprendizagem em diferentes abordagens didáticas. In: LONGAREZI, A. M.; MELO, G. F. XIMENES, P. de A. S. (Orgs) **Didática, epistemologia da práxis e tendências pedagógicas**. Jundiaí: Paco Editora, 2023. Disponível em: <https://editorialpaco.com.br/ebook/gratis/9788546222940.pdf?fbclid=IwAR0v67pyXHmKPtWdBOXrU87o80G6TXOsk_Hm9bAUhpSGsDLkJTgtjfizQNA>. Acesso em: 17.01.24.
- MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.
- MARX, K. **O Capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento-um processo sócio-histórico. São Paulo, Scipione, 1993.
- VIGOTSKI, Lev. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra. Martins Fontes: São Paulo. 2001.